

Escola faz protesto contra "500 anos do descobrimento"

Brasil 500 anos. Comemorar o quê? Essa foi a reflexão lançada por cerca de 250 alunos da Escola Vila, ontem, na Praça da Igreja de Fátima, na Avenida 13 de Maio. O ato público em solidariedade aos povos indígenas e negros contou com a apresentação do Maracatu Az de Ouro e o Toré, dançado por índios das tribos Tapeba, Pitaguary e Jenipapo Kanindé. Houve ainda apresentação de capoeira.

Conforme a diretora da escola, Fátima Lima-verde, a manifestação que envolveu crianças de 4 a 14 anos objetiva despertar nestas uma consciência crítica da situação desses povos no País. Onde as comemorações dos quinhentos anos de descobrimento do país ignoram o genocídio praticado contra os índios e a escravidão dos que sobreviveram. "Precisamos refletir sobre os valores de cada povo. Somente conhecendo e aceitando as culturas de cada um deles é que vemos que não existe superioridade cultural", diz Fátima.

Algumas crianças com o rosto pintado de preto integravam o Maracatu infantil "Unidos da Vila", outras vestidas de indiozinhos, ensaiavam os primeiros passos das danças. A maioria delas, como Adriana Barbosa Sobreira, de 8 anos, nunca tinha chegado tão perto de um índio. Admirada, a aluna da segunda série não demonstrava receio algum daquela gente, ao mesmo tempo, tão diferente e tão

simpática.

O comportamento natural das crianças, e o ato em si, no entender do representante da Associação Missão Tremembé, Florêncio Braga de Sales, alimenta a esperança de que as atrocidades cometidas contra os índios um dia serão, pelo menos, minimizadas.

"Precisamos refletir sobre os valores de cada povo. Somente conhecendo e aceitando as culturas de cada um deles é que vemos que não existe superioridade cultural". Fátima Lima-verde.

Para ele, a reconstituição da memória do índio dentro do processo de colonização, faz com que a criança veja o índio como cidadão dotado de direitos. "Diferente de nós, que somos educados a enxergar o índio somente como um personagem histórico e distante", diz Florêncio.

Segundo o coordenador da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo, o tapeba Dourado, os índios do Nordeste são as maiores vítimas da invasão, violência e genocídio entre todos os povos. Isto porque das 43 terras indígenas existentes nessa região, apenas quatro são demarcadas. E, estas, ainda sofrem invasões do branco. Eles querem apenas o direito de continuarem sendo índios, sem a obrigação de terem que se sujeitar a uma suposta civilização imposta pelos

brancos, que quer se impor e manter-se até os dias de hoje com a propalada globalização.

Segundo Dourado, no Ceará existem aproximadamente 12 mil índios, espalhados em dez tribos indígenas, com maior concentração na Região Metropolitana de Fortaleza.

Mesmo impedidos pelos organizadores oficiais da "Festa dos 500 anos de Descobrimto do Brasil, no dia 15, sexta-feira, uma missão indígena composta por membros de todas as tribos cearenses vai se juntar aos 2 mil índios, e negros, em Coroa Vermelha, Bahia, para fazerem a Marcha da Reconquista. O evento acontece entre os dias 17 e 22 de abril e trará a tônica discussões a cerca das condições sociais desses povos.

Além dos índios haverá protestos de povos da raça negra contra a discriminação e a marginalização a que estão submetidos até hoje.

